

LORENZO SILVA

PÚA

Tradução
ANA MARIA PINTO DA SILVA

Índice

Advertência	9
1. A mensagem	15
2. O rapaz	22
3. Mazo.....	29
4. Os soldados	36
5. Vera.....	43
6. Os doentes	50
7. Buitre	57
8. A reviravolta	64
9. Flor de laranjeira.....	71
10. Araña	78
11. Rotinas	85
12. Aspirante	92
13. A promessa.....	99
14. Púa.....	106
15. Ninguém	113
16. Sombra	120
17. Uma demonstração.....	127
18. O medo.....	134
19. Incertezas	141

20. Aberrações	148
21. Fortachón	155
22. A cilada.....	162
23. Corça	169
24. Fantasma	176
25. Confiança	183
26. Camaradas	190
27. Ben.....	197
28. Verraco	204
29. Adrenalina	211
30. Licença	218
31. Perguntas.....	225
32. Uma rapariga.....	232
33. O plano.....	239
34. Ficção.....	246
35. O passado	253
36. Amor	260
37. Poder	267
38. Lirón.....	274
39. Animal	281
40. Correio	288
41. Assassino	295
42. Motorista	302
43. A serpente.....	309
44. Fuga	316
45. O hortelão.....	323
46. Máscara.....	330
47. Carinho.....	337
48. Pichón	344
49. A verdade	351
50. A derrocada.....	358
Epílogo: Lea	365
Agradecimentos.....	373

A mensagem

Sou uma pessoa má. Como muitas outras, estaria capaz de o dizer. Com a diferença, poderia alegar, de ter parado de procurar uma desculpa para justificar as minhas maldades. E mais: em primeiro lugar, isso não me torna bom e, em segundo, não me faz melhor. São apenas complementos circunstanciais. Quando alguém aceita tornar-se uma pessoa má, o resto pouco importa. A quem toca infligir sofrimento nem lhe aquece, nem lhe arrefece, nem o alivia.

Não é que seja mau o tempo todo, nem que desconheça o doce sabor das boas ações, que como qualquer ser humano que não tenha perdido a razão e o sentido da existência prefiro às outras. Aliás, é a elas que dedico o melhor das minhas energias. Nada reconforta mais do que dar de caras com um semelhante que precisa ou a quem seria útil a nossa ajuda e concedê-la sem a mínima esperança de receber alguma coisa em troca. Nada nos conforma nem nos apega mais a esta natureza confusa que arrastamos pelo mundo, com a desconfiança de que poderíamos muito bem ser o derradeiro erro que a vida cometeu para se aniquilar a si mesma.

Neste lugar para onde há anos decidi retirar-me tenho oportunidade de praticar a bondade todos os dias, e não deixo de aproveitá-la. Faço-o cada vez que arregaço as mangas, pego nos utensílios de limpeza e não só limpo o pó aos livros que se alinham nas prateleiras da loja, como também aproveito para os reordenar de maneira

que os clientes possam encontrar com mais facilidade aquilo que lhes interessa ou procuram, em vez de terem de submergir como mergulhadores e remexer como sucateiros, coisa que a maioria dos meus concorrentes os obriga a fazer sem qualquer remorso. Possuo uma consciência especial – devido à minha experiência com o caos, a sujeira e inclusive a imundície mais extrema – do valor que têm a limpeza e a ordem, e que vai mais além da beleza que proporcionam à vista. Quem apresenta diante de nós um espaço asseado e bem organizado torna-nos beneficiários de um ato de amor em que apenas um imbecil ou um traste de marca maior pode reparar sem sentir uma corrente instantânea de gratidão.

E quando acontece reconhecer no cliente que surge diante de mim um amor semelhante, pelo livro de que está à procura ou por esse outro com que acaba de esbarrar de repente, não consigo evitar conceder-lhe um tratamento especial de onde pode nascer algum gesto de generosidade. Desde cobrar-lhe por ele menos ou muito menos do que na realidade vale, desde que a redução de preço não prejudique de maneira irreparável o negócio, até facultar-lhe, também com desconto, algum outro livro semelhante que nunca teria encontrado por si mesmo, paralisado como está pelo assombro de poder adquirir o que segura nas mãos. É mais forte do que eu: sou vencido pela ternura que me embarga ante esses olhos brilhantes, ante o tremor na voz que chego a detetar em alguns, e mais ainda se se trata de um homem ou de uma mulher ainda jovens, ou de um ancião que nessa idade reencontra de verdade a inocência que um dia possuiu. Já para não falar, além disso, quando tenho a certeza de que não têm muito dinheiro. Essa emoção que os arrebatava amolece-me e comove-me de tal maneira que não sou capaz de evitar dar-lhes tudo o que estiver ao meu alcance, e às vezes sofro, até à dor física, por não ter mais com que recompensar o seu entusiasmo e a sua expectativa.

Eu mesmo, que cheguei a este ramo de comércio por tirar partido de um amor de juventude que, quando assumi os destinos da loja, já não era mais do que o rescaldo de uma paixão extinta, e só porque me pareceu uma proteção tão boa como qualquer outra para me

pôr a salvo da minha vida anterior, surpreendo-me mais de uma vez a acariciar algum velho volume, ou a marcar o número do encadernador para que mo restaure sem adulterá-lo, disposto a pagar o que pretenda pedir-me por essa operação. E não tanto para poder vendê-lo mais caro, porque é bem possível que possa acontecer que quando estiver restaurado acabe por vê-lo nas mãos de um desses bibliómanos febris e apaixonados a quem não hesitarei em vendê-lo com prejuízo; mas sim por não permitir que algo que foi feito com carinho, seja ele da parte do autor, do seu editor, ou do tipógrafo que o produziu ou do artesão que a dada altura o encadernou, se veja arruinado e desbaratado pelos insensíveis estragos causados pelo tempo.

E, no entanto, na primeira oportunidade, também este negócio arranca de mim a pessoa má que sou. Acontece, por exemplo, quando entra pela porta um desses herdeiros obtusos a quem acaba por ir parar absurda e injustamente todo o esforço de uma vida consagrada aos livros, e que se apresentam como possuidores de um património pesado que sentem urgência em liquidar. O seu único desejo é retirar do espólio da biblioteca alheia um rendimento cuja avaliação os ultrapassa, mas que aspiram a raspar até ao limite do possível. Sem fazer a mínima ideia do que o otário do avô ou do pai, ou um após o outro, conseguiram reunir graças aos seus conhecimentos e à sua tenacidade, surgem diante de mim com essa presunção do proprietário que não está disposto a consentir ser defraudado num mísero cêntimo do que vale o seu legado. Como se fosse eu que estivesse desesperado para deitar a mão à herança, quando são eles que não veem a hora de se desembaraçarem dessa pilha de papéis que não querem levar para suas casas. Escuto-os, observo-os, finjo que me deixo impressionar pela sua desenvoltura, que reconheço o seu talento como vendedores, à medida que penso, com absoluta frieza, como vou fazer para depená-los e saqueá-los, ao mesmo tempo que os convenço de que são os mais astutos negociantes e eu um pobre homem que se encontra à sua mercê.

São tão néscios, tão parolos, tão vulneráveis ao abuso, que não é preciso muito esforço para elaborar uma estratégia para os ludibriar.

Recorro sempre à mesma: faço uma primeira sondagem acerca das suas finanças, onde lhes indico umas quantas peças com autêntico valor, que são as que lhes digo que mais me interessam, atribuindo-lhes um preço que sei que irão verificar e nunca acharão inferior ao que outros poderão oferecer-lhes. De uma maneira geral, isso já implica uma quantia que os tenta, porque de repente veem dinheiro onde só viam um despropósito devorado pelo pó, e a partir daí abordo a negociação sobre os restantes: livros que por mim, segundo lhes digo, não lhes compraria, porque não vou poder dar-lhes outro destino a não ser despachá-los a preço de saldo ou vendê-los como papel a peso, mas de que estou disposto a encarregar-me em troca de ficar com os que na realidade me interessam. Procuro que o valor que lhes ofereço por esta segunda parte da transação lhes pareça relevante, o que não é muito difícil depois de eu a ter desvalorizado, a juntar ao desprezo que já nutrem por ela. Não há um único que não morda a isca, que não me dê, quase de graça, peças que depois passarão a ser das mais cotadas do meu catálogo. E nem sequer há o risco de que mais tarde descubram a vigarice consultando-o: se não sabiam o que tinham, menos ainda vão lembrar-se depois de o ter vendido. Com algumas dessas bibliotecas tristemente caídas nas mãos de autênticos cepos multipliquei por dez e até por quinze o meu investimento. Quando muito lamento pelos que as reuniram. Nunca sinto nada pelo parente que depeno.

O mesmo acontece quando surge o comprador prepotente, quer seja pela sua instrução de nível superior, pela sua carteira, ou por ambas, que desde que entra pela porta me trata como o estúpido criado que deve satisfazer o seu capricho nas condições que mais lhe aprouverem, que para isso ele sabe, impõe e tem o que os outros não têm. Aqui a negociação é mais árdua, e nem sempre chega a bom porto. Mais de uma vez, não o vou esconder, acaba com o sujeito soltando um grunhido, brindando-me com uma imprecação e saindo da loja pior que uma barata. Irrita-me um pouco, por não ter podido dar-lhe o que ele de facto merece, mas isto é compensado pelas ocasiões, que também não escasseiam, em que um desses presunçosos – tendem a ser

do sexo masculino, se bem que também já tenha acontecido com uma ou outra mulher – se vai embora com o seu livro debaixo do braço e outro de brinde, deixando na minha caixa duas ou três vezes mais do que, se fosse mais humilde, lhe poderiam ter custado.

Há um pormenor que neste momento é importante para mim esclarecer: ao enganar e – apesar de eles não darem por isso – maltratar estas pessoas, nem por um momento abandono a crença de que o que eu faço possa ter algum tipo de justificação moral ou, por outras palavras, alguma espécie de álibi que transforme o mal em bem. Estou a roubá-los, estou a rir-me deles, estou a desprezá-los tanto ou mais do que eles me desprezam a mim ou menosprezam a herança dos seus antepassados, cujos desvelos malbaratam. Não o faço para restaurar nem para instaurar no pequeno pedaço do mundo que administro algo parecido com a justiça, nem para consertar os destroços que a sua ruindade é capaz de provocar, nem com a esperança de que o castigo ou o ridículo redima de alguma maneira aqueles que sei que não podem ser redimidos, nem aspiro a redimir. Faço-o apenas para os prejudicar, e por isso satisfaz-me saborear a sensação de que consigo fazê-lo, embora eles nem sequer cheguem a aperceber-se disso.

Renego a autoindulgência. Trata-se do tipo de porcaria que jamais, desde que tomei consciência da minha maldade, permiti que se junte à imundície que já carrego pelas minhas más ações. Vi demasiadas pessoas – e vi-me a mim mesmo mais vezes do que gostaria – a lançar mão desse expediente cobarde e vergonhoso, procurando na infâmia uma explicação benigna para o infame, que não é outra coisa a não ser um meio rasteiro de extremar a crueldade para com a sua vítima. Em relação às minhas, aspiro apenas a sobrecarregá-las com o mal que lhes causo: há já algum tempo que renunciei a impor-lhes, por acréscimo, a obrigação de o suportarem por conta das merdas que eu possa ter na cabeça para dar uma justificação para o que não a tem. Se uma pessoa quer fazer o bem, não há outro caminho além das atitudes bondosas. Se o nosso carácter ou os nossos passos nos conduzem a agir de forma perniciosa, o que fazemos é o mal e o que nos toca é conviver de agora em diante com a consciência do que fizemos,

do que somos capazes de fazer e do que devemos impedir se não quisermos que isso acabe por se apoderar de todo o nosso ser sem deixar lugar para mais nada.

Por isso, e porque não estou orgulhoso de ser uma pessoa má – não se me endureceu a alma nem se me amoleceu o cérebro ao ponto do delírio –, resolvi afastar-me de tudo o que fui e de tudo o que fiz outrora, e escolhi esta tranquila atividade comercial que só muito de vez em quando, e de forma, ao fim e ao cabo, limitada, me arrasta para conjunturas em que pode vir à superfície, e vem, o demónio que carrego sempre comigo. Por isso aceitei uma existência modesta, sem chegar ao extremo de passar dificuldades, graças ao exercício criterioso e não de todo incompetente de um ofício em que as emoções são escassas e de uma intensidade inferior à que o meu coração recorda. Por isso sou apenas uma sombra do que fui e essa é hoje a melhor das minhas conquistas.

Por isso, também, a juntar ao peso incontornável da memória e das lealdades, sobretudo aquelas que se forjaram no calor do fatídico e do incondicional, o meu pulso, que já quase não acelera, e o meu pensamento, que já raras vezes conhece a ansiedade, viram-se sacudidos quando os meus olhos se depararam com a mensagem que acabo de receber e dos olhos passaram para a minha mente as letras que a compõem. Ali, num ápice, se revelou, como quem corre de súbito uma cortina que oculta a visão de uma cidade incendiada, todo o significado que as palavras que essas poucas letras formam não podem deixar de encerrar para mim.

A primeira coisa que pensei foi que não quero que aconteça. Que não suportei durante todo este tempo a culpa e o fracasso sem resquícios em que me resignei a viver para que agora volte a bater à minha porta o desvio que os provocou e me reclame como seu servo e sua miserável consequência. Investi todos os meus esforços em criar este reduto a partir do qual consegui resistir e afastar-me, aliás, da parte de mim com que não tenho o mínimo desejo de me reencontrar.

A segunda coisa em que pensei, ao mesmo tempo que sentia de repente essa estranha espécie de serenidade que acompanha a catástrofe,

é que não posso ignorar a mensagem. Invoca o meu nome, o verdadeiro, e quem o envia é aquele a quem menos posso recusar ir em seu auxílio. Releio:

Púa, sou eu. Resta-me pouco tempo. Preciso de ti.

A terceira coisa em que penso é com que pretexto fecharei a loja.

O rapaz

Lembro-me do rapaz. O que desde aqui me chama mais a atenção, por outro lado, é que não está sozinho. Ainda não fez nada que o condene a ficá-lo. Ainda imagina um futuro melhor. As pessoas que o rodeiam e o amparam impelem-no a corresponder ao seu afeto, e por elas, tanto quanto por ele, deseja seguir em frente, ser capaz de construir algo que sirva para que um dia se sintam orgulhosas. Deve-o, elas merecem. O rapaz ainda tem pai, mãe, e inclusive tem um irmão mais novo. O rapaz sonha, e por isso lê livros de forma compulsiva, esperando encontrar neles tudo o que a realidade de momento lhe nega. Ou pode ser que aconteça o contrário: porque lê quase sem descanso, desde que aprendeu a fazê-lo, está condenado a transformar-se num sonhador inadaptado à realidade. Dá no mesmo. Pouco ou nada importa saber o que surgiu primeiro: se a galinha ou o ovo.

Vejo-o, desenhado com nitidez nas dobras da minha memória, e custa-me aceitar que esse rapaz também sou eu, este mesmo que agora é obrigado a recordá-lo desde a orfandade, a solidão e a convicção de que a vida já não pode trazer-lhe nada melhor do que perdurar sem sobressaltos, após a abolição definitiva de todos os sonhos e a vitória esmagadora da realidade em todas as frentes. Há muitos anos que não tenho nem pai nem mãe; há mais anos ainda que o meu irmão ficou estendido como uma folha caída do ramo demasiado

cedo. Há anos, em suma, que não leio uma página que me faça vibrar a corda do coração.

De quando em vez obrigo-me a recordá-los: a ele e aos outros que fui um dia, melhores, em todos os sentidos, do que este que restou para fazer um balanço. Não consola apenas, talvez para sobreviver seja necessário salvar a memória desses dias mais luminosos. Pode ser que não passe de uma superstição, mas penso que não vou acabar por morrer nem me degradarei por completo enquanto conservar dentro de mim uma brasa daquela chama em que um dia ardi e iluminei como agora não ardo nem ilumino. E, no entanto, nem esta convicção nem a emoção que ainda possa despertar em mim a saudade desse rapaz me impedem de me dar conta de que já nele, mesmo nessa altura, porque não poderia ter sido de outra maneira, se encontrava latente, oculta se assim se preferir, mas já delineada e perceptível, a escuridão em que ia desembocar o meu caminho.

É assim confusa e problemática a alma humana. Esse rapaz que ama os pais, que tenta cuidar do irmão mais novo, que se comove com as histórias que os livros lhe contam, quer seja a de um casal de apaixonados ou a de um herói que dá a vida para salvar as dos companheiros de aventuras, esse rapaz que, em resumo, é tão permeável aos bons sentimentos, ao calor, ao carinho e à beleza que pode conter e projetar o comportamento das pessoas, também é capaz justamente do contrário, embora a existência quase não lhe proporcione ocasiões para o demonstrar e seja por conseguinte circunstancial, no decurso dos seus dias, a prática consciente do mal. Tende-se a menosprezar o valor do episódio: isso permite ao rapaz minimizar os instantes em que assoma esse outro, menos simpático, que já é; mas o homem que viveu e que compreendeu sabe que no mais ínfimo pormenor se encontra representado o todo. Na frieza e na fealdade de uma única das nossas ações incentiva, por inteiro, o desalmado que carregamos dentro de nós.

Não me faz bem, mas não posso evitar recordar a primeira ocasião em que brota do rapaz a força tenebrosa de que é portador. Acontece num verão, um desses verões longos, tranquilos e sem limites que

constituíam a norma durante a infância e a juventude e se tornaram impensáveis ao chegar à idade adulta. Encontro-me num vilarejo não muito longe do mar, na companhia de um dos meus melhores amigos de então. Chamava-se Álex, não éramos demasiado próximos, também não nos víamos a toda a hora, mas por uma razão que só comecei a vislumbrar naquela tarde existia entre ambos uma cumplicidade natural que quase não precisava de palavras. O que fazíamos, tal como costuma acontecer nessa idade por volta dos doze anos, não tinha nenhuma importância e, ao mesmo tempo, tinha toda a importância do mundo. Deixavam-nos à solta e percorríamos os arredores da povoação imaginando que éramos guerreiros, bandidos ou exploradores. Graças a ele eu punha em prática, dentro das limitações impostas às ambições infantis pela carência de recursos, as histórias que lia nos livros. Graças a mim, ele dispunha de argumentos para tornar mais divertidas as incursões a que o impeliam a sua ânsia incontrollável de ampliar horizontes e de pôr em risco a sua integridade física e também a dos outros.

Trepávamos a lugares desaconselháveis, fabricávamos armas caseiras carregadas de perigo e construíamos para nós esconderijos precários onde ninguém sensato alguma vez se atreveria a meter-se. Ele encarregava-se da tática, da orientação e da gestão, enquanto eu concebia a estratégia que dava sentido a tudo dentro de um relato em que ele me reconhecia como o diretor. Exceto naquela tarde. Do que agora me recordo foi que Álex já tinha pensado em tudo. Para variar, limitei-me a executar o plano que ele havia traçado sem me consultar. Adivinhei que algo não era como sempre fora quando o vi chegar. Com o sobrolho franzido e os punhos cerrados.

– Vamos procurar esse cabrão – disse, em jeito de saudação.

Álex tinha esse hábito, entre outros: o de dizer palavrões como aquele, que eu continuava a achar enormidades e não me atrevia a pronunciar, acima de tudo para não fazer figuras tristes, mas que nele soavam naturais, como no homem que os resmungou entre dentes milhares de vezes. Perguntei-lhe de que cabrão se tratava, e Álex respondeu-me de maneira indireta.

– Fê-lo. Abriu a gaiola e comeu-o, o filho da puta.

Não precisei que me dissesse mais nada. Já antes me tinha contado que vira mais de uma vez o gato a rondar à espreita do seu canário, que a mãe levava para o quintal a fim de tomar ar e apanhar sol. A gravidade do facto vinha reforçada por uma circunstância singular: o canário em questão, que estava em casa dele desde que o meu amigo se entendia por gente, era cego. Não precisei nem quis perguntar-lhe mais nada: entendi que a determinação que o movia era irrevogável, e eu só me perguntei, sem lhe dizer nada, como iríamos encontrar o gato, que se deslocava pela aldeia a seu bel-prazer, encafuava-se em todas as casas e tinha em várias delas quem lhe pusesse um pratinho de comida. Álex não duvidava de que ia caçá-lo, e eu limitei-me a deixar-me contagiar pela sua certeza.

Fomos dar com ele num aterro dos arredores. Estava de pé, com os olhos fechados, contemplando o horizonte e deixando que os raios de sol já em declínio lhe aquecessem o sangue. É evidente que deu pela nossa presença, mas por alguma razão limitou-se a virar o pescoço e a vigiar com ar majestoso os nossos movimentos. Não contava com o facto de Álex já levar na mão a pedra que tinha escolhido para o derrubar e não conseguiu reagir a tempo de evitar a pedrada, que lhe acertou em cheio nos quartos traseiros, no sítio onde a pata esquerda se articulava com o resto da ossatura. O gato desabou com um miado de dor e quando fez menção de fugir constatou que a pata não lhe obedecia. Apenas um segundo mais tarde, outra pedra, apanhada rapidamente do chão por Álex, acertava-lhe em cheio nas costelas e arrancava-lhe outro gemido. Foi então que o meu amigo olhou para mim, e eu não hesitei. Agachei-me, muni-me de um pedregulho, ao mesmo tempo que ele já agarrava no terceiro, e atirei-o ao gato, que não podia fazer nada para escapar da morte decretada para ele pela cólera daquelas duas almas infantis. O castigo prosseguiu durante um período de tempo interminável: a dada altura, o animal parou de tentar arrastar-se e não pôde fazer outra coisa a não ser estremecer em convulsões que também acabaram por cessar. Ainda assim continuámos a apedrejá-lo até o deixarmos reduzido a uma carcaça

ensanguentada. Álex afinou a pontaria até conseguir arrancar-lhe os olhos. Nos seus havia um brilho de júbilo quando finalmente conseguiu acertar-lhe no segundo.

Deixámo-lo ali, onde o havíamos executado, para que começasse a apodrecer à medida que a noite se abatia sobre a povoação. O meu amigo estendeu-me a mão com um gesto de satisfação. Não pude fazer outra coisa a não ser apertá-la e reconhecer, assim, que nos tínhamos irmanado naquele holocausto felino. A minha sensação era confusa: tinha gostado de ouvir o ruído surdo das pedradas de encontro ao corpo do assassino oportunista e sem escrúpulos do pobre canário cego, sobretudo quando a pedra certa partia da minha mão; contudo a visão do despojo inerte provocou-me de súbito um mal-estar e uma tristeza que não consegui evitar, e que também não podia partilhar com quem me havia levado a arrebatá-la aquela vida.

Não voltei a matar um animal de sangue quente. Esmaguei com alívio uma imensidão de insetos incómodos, como toda a gente, mas a partir daquela tarde absteve-me escrupulosamente de apedrejar qualquer ser vivo que pudesse sangrar e agonizar como o fez aquele gato. Não queria voltar a sentir o que senti naquela tarde: que não só era capaz de matar, como também de desfrutar enquanto me dedicava a isso, se a vida que interrompia me parecia indigna e odiosa, como o meu amigo soube fazer parecer-me aquela. E constatar que depois de consumir o ato, o meu espírito ficou seco e vazio.

Um par de anos depois, o rapaz teve outra oportunidade de se reencontrar com a sua pior versão. O gatilho foi de novo o abuso de uma vítima fraca por parte de um predador mais forte. Neste caso, o meu irmão, a quem vi um dia sair da escola com a roupa de fora e indícios evidentes de ter chorado. Ainda era pequeno: oito anos, pouco mais ou menos. Apesar de ter resistido o máximo que pôde, envergonhado, acabou por me contar o que havia sucedido. Um rapaz quatro anos mais velho tinha-o encurralado no pátio do recreio, insultara-o, sacudira-o e para culminar roubara-lhe o lanche. Também não quis contar-me de imediato quem tinha sido, quiçá por ter visto no meu olhar o que iria acontecer se me indicasse o rufia, mas eu não cedi.

Por fim, disse-me o nome e apontou-mo, para que não houvesse confusão possível.

Resolvi esperar por ele no dia seguinte, à saída, e surpreendê-lo no caminho, quando menos esperasse. Nessa época já tinha outro amigo, com quem partilhava mais coisas do que com o Álex, e que talvez por isso a relação iria durar mais tempo. Chamava-se Mario, partilhávamos brincadeiras e leituras e entretínhamo-nos inventando histórias a meias. contei-lhe que tinha de dar uma lição a um idiota que fizera mal ao meu irmão e ele ofereceu-se para me acompanhar. Disse-lhe que não precisava dele para dar uma coça ao brutamontes, uma vez que era mais de meia cabeça mais alto do que ele e poderia neutralizá-lo sem grande esforço. Mario, que era um miúdo tranquilo e pacífico, argumentou com uma parcimónia que me deixou desconcertado:

– Mesmo que não seja preciso. Se formos os dois, vai borrar-se ainda mais.

E fomos os dois e, quando lhe bloqueámos a passagem, no seu olhar assomou, de facto, um espanto que já não iria abandoná-lo. Sem lhe dar tempo para reagir, encurralei-o aos empurrões de encontro à parede e, quando fez menção de desatar a correr, agarrei-o pelo pescoço e atirei-o ao chão. Estávamos junto à parte lateral de um prédio e por ali não passava ninguém. Talvez tenha pensado em algum momento em gritar, mas o medo foi mais forte do que o seu impulso de pedir socorro. Para evitar que se mexesse, sentei-me escarranchado em cima dele e então ficou quieto, como se com isso esperasse despertar a piedade daqueles dois vingadores, ante os quais não tinha a mínima hipótese, e evitar assim o castigo. Não pensei duas vezes e exortei-o a abandonar toda a esperança com duas estaladas, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Ficou com as bochechas vermelhas e a arder.

– Deve ser tramada a sensação de estar em inferioridade – cuspi-lhe.

Não respondeu. Agarrei-o pelo colarinho da camisa e pus o nariz a um milímetro do dele, ao mesmo tempo que lhe procurava o olhar. Cerrou as pálpebras e começou a implorar com uma espécie de gemido. Interpretei-o como um sinal para esbofeteá-lo outra vez, e outra, e mais

outra. Então desatou a chorar. Contemplei-o enquanto ele choramingava, com todo o desprezo que havia em mim. Queria humilhá-lo, que sofresse, e confortou-me ver que o conseguia. Nesse momento, Mario pôs-me a mão no ombro. Compreendi que estava terminado. Levantei-me.

Nessa noite, ao recordar o incidente, o rapaz voltou a ser acometido pelo desassossego. Quis acreditar que no fundo não era, não podia ser tão cruel, e que por isso se sentia mal. Gozava, ainda, do privilégio de poder iludir-se.

Mazo¹

À medida que vou caminhando pelos corredores do hospital, cujas paredes respingam a tristeza e a vontade de estar noutra sítio que os lugares onde a doença e a morte marcam as horas transmitem sempre, tenho dificuldade em arrancar da retina a imagem da paisagem que acabo de deixar lá fora. Há muito tempo que não voltava à Cidade, a essas ruas que noutros tempos me pertenceram, e não porque se me oferecessem de bom grado, mas sim porque lutei muito para as tornar minhas. Nelas aprendi a ter olhos na nuca, a interpretar as esquinas antes de as dobrar e a estar sempre preparado para encontrar um portal ou uma travessa onde me desviar do olhar que não me convinha que pousasse em mim. Desse modo, acostumei-me em partes iguais a amá-las e a odiá-las, e a intensidade de ambos os sentimentos era tão insuportável que logo que pude afastei-me daqui para sempre. Nunca compreendi por que motivo ele preferiu ficar para enfrentar todos os dias o lembrete dos nossos excessos. Porque é neste hospital frio e tétrico, mais ainda por conta do céu cinzento que as suas enormes janelas proporcionam, onde vem, por fim, reunir-se com a única que não negligencia ninguém.

¹ Maço. (*N. da T.*)

Procuro o número do quarto sem essa antiga ansiedade que me atormentava quando não tinha a certeza de encontrar algo de que pudesse depender a minha sobrevivência ou a dos outros. Tenho a certeza de que o encontrarei e de que ele estará ali, porque não pode ser de outra maneira. Os desejos ficam insatisfeitos, mas as maldições cumprem-se.

Acabo por chegar diante do número em questão. Hesito se devo limitar-me a bater à porta ou bater e esperar que alguém me diga para entrar. Por fim bato, aguardo um par de segundos e empurro. O homem que venho visitar está deitado na cama, com a cara voltada para a porta. Atrás dele, um firmamento de chumbo promete pouco ou nada através do vidro. No seu semblante vê-se uma expressão serena, quase de resignação. Não me lembro de alguma vez o ter visto resignado, e por isso custa-me reconhecê-lo.

– Homem – murmura. – Chegaste a tempo.

– Duidavas?

– Sim e não.

– Não estás com muito mau aspeto.

Minto-lhe, claro. Acho-o enfraquecido, macilento, cheio de olheiras, sem essa energia torrencial que sempre transbordava nele. Ver o seu corpanzil derrotado em cima da cama é como ver um carvalho caído sobre a relva.

– Diz a verdade, Púa – exige de mim. – Tu e eu devemos-la um ao outro.

– Estás feito num oito. Melhor assim?

– Melhor. Não vieste aqui para sentir pena de mim, espero.

– Nem poderia. Porque é que me chamaste?

– Achas estranho que queira ver-te antes de partir?

– Sim e não.

Pondera a minha resposta. Emenda outra pergunta na primeira.

– Faz quanto tempo?

– Dez anos – calculo. – Mais coisa, menos coisa.

– Sem nenhum contacto. Não deixa de ter o seu mérito.

– Foi isso que combinámos. Por um motivo.

Assente devagar.

- É como vês. Estou prestes a escapar para sempre. Tu não.
- Não passas de um sortudo. No fim das contas, parece que afinal o mais esperto eras tu.

Abana a cabeça.

- Não, isso nunca. O esperto sempre foste tu. Não vou esquecer-me, nem sequer agora, da razão por que estou agora aqui, e não noutro lugar. Da razão por que fui obrigado a carregar com o peso que outros também carregaram.

- Sempre exageraste nisso. Tivemos mais sorte, nada mais.
 - A sorte é coisa que não existe. E menos ainda onde tu e eu estivemos.
 - Quer então dizer que me chamaste aqui para me agradecer.
- A minha dedução arranca-lhe o primeiro sorriso.
- Não, chamei-te para te lixar. Sinto muito, companheiro.
 - Deves ter uma boa razão. Pode ser que eu não esteja pelos ajustes.
 - Tenho a melhor razão. E vais estar, Púa.
 - Passaram-se dez anos, Mazo, eu não teria tanta certeza.

Ao ouvir o seu nome de guerra nos meus lábios algo se acendeu de repente dentro dele, tal como se acendeu em mim com a mensagem com que me convocou para junto da sua cama. O que estou a dizer-lhe é justamente o oposto do que dizem as palavras com que o acompanho: que me lembro do que fomos e do que somos, pelo que nos tocou fazer juntos; e que não existe a menor possibilidade de deixar de honrar o vínculo que nos une, mais além de qualquer juramento e de qualquer outra forma de compromisso entre seres humanos. Nem sequer o amor na mais feroz das suas versões é capaz de ligar tanto aqueles que caem na sua armadilha. O nosso laço é fruto do erro e do desvio, e quem se encontra junto a outro nesse transe irreversível e fatídico já não tem como ignorá-lo. Para que eu me recusasse a fazer o que ele quer pedir-me, teria de tratar-se de algo que fosse contra tudo aquilo. E sei que não vai permitir-se, tal como eu nunca me permitiria, cair em semelhante incoerência.

- Estou feliz em ver-te – disse por fim. – Aqui, onde não há alegria de espécie nenhuma, e quando mais nada poderia alegrar-me, para dizer o mínimo.